

## Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM



Lourdes  
Sprenger



Mônica  
Leal



Aldacir  
Oliboni



Cláudia  
Araújo



Psicóloga  
Tanise  
Sabino



Ramiro  
Rosário

### **008ª COSMAM 02ABR2024**

**Pauta:** Compreendendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA): diagnóstico, tratamento e vivência autista na escola e sociedade.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** (10h12min) Bom dia, estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente. Presentes os vereadores Oliboni, Ver.<sup>a</sup> Cláudia, Ver.<sup>a</sup> Tanise, proponente deste importante tema. Já, de imediato, eu chamo o Ver. Alvon Medina, que está também prestigiando esta reunião, para ocupar um assento. A representante do prefeito Fernanda Fernandes, diretora-geral da SMS; Fabiana Eloisa Mugnol, que é uma das palestrantes, psiquiatra do HMIPV, neurologia infantil da PUC, *chip* em cirurgia de epilepsia, mestre em psiquiatria e comportamento humano, professora de curso de especialização em TA, membro da atual Diretoria da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, pós-graduanda em psiquiatria e saúde mental da infância e adolescente, e pós-graduanda em transtorno do espectro autista. Dr. Alceu Gomes, médico psiquiatra da infância e adolescência, coordenador do Centro de Referência de Transtorno Autista e mestre em psiquiatria na UFRGS. André Vicente, portador de autismo e professor da rede municipal da SMED. Luciana Mendina, jornalista idealizadora da lei de detecção precoce, autora do Guia Prático de Autismo e presidente da

Associação Inclusiva. Bernardo Martínez, estudante biologia, autista, 23 anos. Bem, composta a Mesa, esse é um tema que, ontem na Câmara, também já foi tratado; hoje, nas redes sociais. E eu quero divulgar um depoimento, que me chamou muito a atenção, de uma mãe, Shana Müller, sobre o filho autista, vale a pena assistir e ouvir no Instagram. Eu não vou me estender porque o tema vai longe, e nós estamos aqui para dar visibilidade e apresentar os trabalhos que já estão sendo feitos pelos vereadores da Casa e por esta Comissão. Então, de imediato, eu passo a palavra para a Ver.<sup>a</sup> Tanise, proponente, e depois aos demais vereadores.

**VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB):** Bom dia a todos. Quero saudar a Presidente desta Comissão Ver.<sup>a</sup> Lourdes; a Ver.<sup>a</sup> Cláudia, que está presente; Ver. Aldacir Oliboni, Ver. Alvoni Medina. Quero saudar também os integrantes da Mesa, o público que está aqui conosco presencialmente, o público que nos assiste, e dizer que hoje é um dia muito especial. Hoje é o dia 02 de abril, Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, e caiu justamente nesse dia da COSMAM, que é a nossa comissão de saúde. Eu, como vereadora proponente, encaminhei esse tema para esta Comissão para tratar sobre o autismo. Então eu sou muito feliz em estar aqui no Parlamento como vereadora, como psicóloga, tratando sobre o tema da saúde mental. Quando a gente fala sobre o transtorno espectro autista, também estamos falando sobre saúde mental dos autistas e principalmente das famílias que necessitam bastante. O mês de abril é um mês dedicado para realizar diversas ações de conscientização, é um mês em que tem muitas reuniões, seminários, caminhadas, enfim. Então nós estamos começando o dia 2 aqui na COSMAM, com esta reunião para tratar sobre o tema do autismo. Quero compartilhar aqui que logo mais também que, no dia de hoje, ao meio dia, estarei com a minha equipe no Centro de Porto Alegre, em frente ao Mercado Público, com *folders*, com informativos falando com a população, falando com as pessoas sobre o transtorno do espectro autista, orientando a questão do tratamento. Também nesse próximo domingo, dia 7, nós teremos uma caminhada no Bric da

Redenção, a 12ª Caminhada de Conscientização sobre o Autismo da ONG Autismo & Vida, tem outras ONGs, claro, envolvidas. É uma caminhada tradicional já em Porto Alegre, então, fica o convite a todos.

Quero compartilhar também que, no dia 09 de abril, na semana que vem, na Assembleia Legislativa vai ter um Grande Expediente do deputado Sabino, que vai falar também do transtorno do espectro autista. Estão todos convidados, terça-feira, dia nove, às 14h, na Assembleia Legislativa.

No dia 23 de abril, nós estaremos promovendo o III Seminário do Transtorno Espectro Autista, em parceria com Amrigs, na sede da Amrigs, que vai contar com diversos especialistas na área.

Então esse é um mês em que a gente está promovendo diversas ações para justamente isso, como diz o nome: de conscientização. E eu quero agradecer aqui a presença das nossas convidadas. A Fabiana é uma médica referência, especialista em autista, é do Hospital Presidente Vargas, quem não conhece a Dra. Fabiana, não é? Essa médica que vai estar falando sobre os sinais e os sintomas do autismo. Também está aqui conosco o Dr. Alceu Gomes, médico psiquiatra, coordenador do Centro de Autismo; uma referência nessa área. Está conosco também a SMED, neste momento, na pessoa do André. E uma mãe, que é a Luciana, com seu filho Bernardo para dar um depoimento.

Nós entendemos ser importante estar aqui na Mesa, representando as famílias autistas, uma mãe e um autista, porque, quando a gente fala sobre o autismo também tem que incluí-los nessa discussão.

É importante falar também sobre a questão das escolas. Eu escuto muitas mães, às vezes, me relatam sobre a dificuldade da inclusão, a dificuldade que são os monitores. Às vezes, não têm monitores ou, quando tem, nem sempre são capacitados, então, muitas mães me relatam isso. Eu fico muito feliz que a Prefeitura contratou a Abes. Eu acho que, inclusive, vai ser pauta de uma reunião aqui da COSMAM. A Abes é uma instituição que contratou 27 psicólogos, 16 assistentes sociais, oito pedagogos e 357 monitores, que são os agentes de educação inclusiva. Então isso é muito importante quando a gente fala da questão do autismo nas escolas, ter alguém para efetivamente fazer a inclusão.

E também quero falar de um projeto meu, que é o cadastro único dos autistas que foi aprovado, já é lei agora em Porto Alegre, porque este é um dado que nós precisamos ter: quantos autistas temos em Porto Alegre. As estatísticas americanas referem que uma a cada 36 pessoas terá autismo, mas e esse dado aqui em Porto Alegre? De acordo com o Faders, que é fundação do governo do Estado, pela CIPTA, que é aquela carteirinha, há 3.670 pessoas com autismo em Porto Alegre. Mas e aqueles que não fizeram a carteirinha? Então isso é importante de a gente saber por que nós precisamos fazer um outro Certa, isso já está evidente.

A gente vê, Dr. Alceu, que hoje o Certa atende em torno de 300 crianças, e a informação que nós temos é que mais de 800 já estão em fila de espera. Então é evidente que tem que ter um outro Certa infantil, mas isso vai ser na Zona Norte ou na Zona Sul? Quem decide isso? A gente precisa saber o número de autistas, é mais na Zona Sul ou na Zona Norte? E outra coisa que fica evidente é um Certa Mais, ou seja, para após os 12 anos. Então eu fico muito feliz que hoje nós temos o Certa, e está aqui o Dr. Alceu, uma pessoa superpreparada, capacitada. Eu digo que o Dr. Alceu é pessoa certa para o Certa, não é? Tem uma experiência de mais de 30 anos, já trabalhou no Hospital Psiquiátrico São Pedro, é especialista na área infantil e tem dado conta do recado, tem dado conta do trabalho lá no Certa. É um serviço novo, com certeza tem ajustes, tem situações para ajustar, mas, se a gente for pensar até então não tínhamos o Certa. É aquela questão: o copo está meio cheio, meio vazio; até então não tinha o Certa, hoje nós temos. O Certa é bom para nós vermos que realmente nós precisávamos de um Certa e precisamos de outros. Às vezes, a gente precisa fazer isso para sensibilizar a gestão, então, eu estou muito contente de hoje ter esta reunião, o tema é o transtorno do espectro autista. Eu quero desejar a todos uma boa reunião, estou na expectativa de ouvir a todos, porque realmente é um tema que nos move. Quando a gente fala sobre inclusão, é um tema que nos move. Muito obrigada pela presença de todos.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Obrigada, vereadora. Eu passo a palavra, de imediato, para a Ver.<sup>a</sup> Cláudia.

**VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD):** Bom dia, bom dia a todas e todos, cumprimento nossa presidente, Ver.<sup>a</sup> Lourdes; os meus colegas, o Ver. Oliboni, a Ver.<sup>a</sup> Tanise, o Ver. Medina. Quero parabenizar a Tanise pela pauta tão importante, que nós precisamos falar não só no mês de abril, não só no dia 2, mas todos os dias. Cumprimento a Mesa, Dr. Alceu, querido aí, um grande trabalho que o senhor realiza hoje junto ao Certa, mas, por uma vida toda, junto à questão da saúde mental; cumprimento o André, representando a SMED, muito obrigada por estar com a gente também; a Luciana Mendina e o Bernardo, a Luciana tem um grande trabalho com o Guia Prático do Autismo, eu quero falar sobre isso; cumprimento a Dra. Fabiana, seja bem-vinda, a Fernanda, representando o nosso prefeito, a nossa Secretaria Municipal da Saúde. Eu comprei o guia prático e acho que ele é extremamente necessário, porque as mães, muitas vezes, se deparam com uma situação de não saber por onde trilhar, para conseguir garantir seus direitos. Esse guia, ele traz o passo a passo de cada coisa que tu tens direito e que tu podes buscar. É fantástico. Eu fiz, na época, um áudio, sou parceira para quantas vezes for necessário divulgar, porque eu acho que é isso que a gente precisa. Eu trabalho há muito tempo com projetos sociais, tenho o grupo Amor ao Próximo, e eu atendo muitas crianças com vários tipos de deficiência, de dificuldades. Eu vejo muito isso nas mães, porque, normalmente, são as mães que cuidam dos filhos. Infelizmente, isso é a prática mais comum, os pais dificilmente assumem esse papel. E as mães, muitas vezes, não sabem por onde trilhar, o que fazer, de que forma garantir seus direitos, e são muitos, não é? A gente tem que buscar, tem que ir atrás, então, eu acho que é muito importante. Acho que o Certa é o início. Ontem eu falei isso, a Érika esteve aqui, do Angelina Luz, na Tribuna Popular, na Câmara, e falou muito sobre a questão do autismo, das dificuldades dos autistas de terem acesso, inclusive, ao Certa. Nós falamos, a Tanise também comentou, que o Certa é a ponta do *iceberg*, é o primeiro de muitos, a gente espera. Eu conversei

com o secretário, eu disse: “Secretário, quantos autistas nós temos a cada parto?” Ele me disse que, a cada 40 partos, nós temos um autista hoje, em média. Isso é muito, gente! Então a gente tem que ter um olhar diferente para esta nova realidade da nossa população, da nossa humanidade, que é dar valor, que é buscar condições, porque a gente sabe que, se tiver um diagnóstico precoce, um diagnóstico rápido, e eu falo muito na questão do diagnóstico, porque o diagnóstico oportuniza terapias, oportuniza condições, para que esta criança tenha mais condições de estar inclusa. A gente fala de inclusão, inclusão é isso, é a gente oportunizar àquela criança que nasceu autista a ter as mesmas oportunidades de todas as outras pessoas. Como é que ela vai fazer isso? Se ela tiver um tratamento adequado o mais rápido possível. Então, é isso, a gente tem que falar sobre isso: quais as oportunidades que a gente tem, como a gente faz para que a gente realmente possa oportunizar às nossas crianças autistas serem iguais. Não adianta falar em diferença, tem que falar em igualdade, e a gente fala em igualdade quando se tem atendimento igualitário para todas as nossas crianças. Eu sou uma grande parceira da causa não só do autismo, mas de todas as crianças com algum tipo de deficiência, porque inclusão é isso, é a gente falar, falar sempre e buscar alternativas. É através das políticas públicas que a gente faz a diferença, através de leis que realmente cumpram o seu papel que a gente consegue fazer essa mudança. Parabéns a todos que trabalham por esta causa, que lutam por esta causa. Eu tenho certeza que, aos poucos, a humanidade vai entender a importância de cada autista na nossa vida. Muito obrigada.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** O Ver. Oliboni está com a palavra.

**VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT):** Quero saudar a nossa presidenta, Ver.<sup>a</sup> Lourdes; colegas vereadoras, Ver.<sup>a</sup> Cláudia, Ver.<sup>a</sup> Tanise, nossa proponente da pauta, parabéns pela pauta; Ver. Alvoni e todos os nossos convidados aqui, sejam bem-vindos, como também os que estão aqui no auditório ou plateia. De

fato, esse assunto nos preocupa muito à medida em que nós temos determinadas iniciativas... Saudando aqui o Adilson também, Adilson, eu sou o Oliboni, estou aqui à tua direita, minha esquerda, geralmente a gente teria que fazer uma leitura, até porque nós temos aqui muitos com deficiência visual, e a gente não se posiciona ou, conforme preconiza o protocolo, mas, enfim, estamos aqui para tratar desse assunto que nos preocupa muito, como estava dizendo. Tem muitas iniciativas, Tanise, de vereadores. Antes mesmo de ser instituído o Certa, Dr. Alceu, nós aprovamos aqui na Casa um projeto que eu considero de extrema importância como foi no passado, quando eu apresentei o projeto sobre o teste do olhinho, o teste da orelhinha e o teste do coraçãozinho, porque segundo os médicos, os profissionais médicos, nós só vamos constatar a deficiência e ter possibilidade de ter um acompanhamento de cura ou de controle até uma certa idade. Aí algumas informações chegaram para mim, eu também sou da área da saúde, de que o TEA, que a testagem que está, o projeto que estabelece a obrigatoriedade de realização de triagem precoce do sistema de Transtorno do Espectro Autista, para crianças de 0 a 36 meses, ele só é possível, enfim, se tiver no pacote do parto pelo Sistema Único de Saúde, como acontece hoje com o teste do olhinho, o teste do coraçãozinho, e o teste da orelhinha, porque tem determinadas questões ou patologias que a gente pode controlar, e depois quero ouvir aqui o Dr. Alceu sobre essa questão. E essa questão da criação do TEA, que já foi aprovado e sancionado, ele não foi regulamentado no pacote do parto. Por isso, eu queria saber do governo da possibilidade de viabilizar, se tiver alguma dificuldade, me proponho a interagir com o Ministério da Saúde para poder acontecer isso em Porto Alegre, como pode acontecer em vários estados ou capitais que por ora estão trabalhando no tema.

Por outro lado, ontem, nós tivemos um assunto que nos deu enorme repercussão aqui na Casa e, ao mesmo tempo, críticas em função do Certa. Eu estive na inauguração do Certa, e vi lá o pronunciamento do Alceu, que muitas questões, a partir da criação desse centro, seriam solucionadas e, pela mãe, que ontem falou aqui da tribuna e fez um desabafo de que isso não está acontecendo. Então, nós queríamos saber, a Tanise aqui falou, por exemplo, da possibilidade

de criar outros Certas em outras regiões da cidade. Se for o caso, acho que nós temos que fazer, mas esse Certa, numa determinada região da cidade onde só atende, vamos dizer assim, crianças e adolescentes ou até mesmo, vamos dizer assim, como a gente chama de crianças, mas até 12 anos. E o adulto, onde ele está sendo atendido? Ou aqueles que precisam de um acompanhamento, onde ele pode ser atendido? A política pública, ela tem que ser universal, ela não pode ser para uns e para outros não. Nós temos que criar um mecanismo de atendimento universal; se criamos o Certa, não pode ser para crianças, só crianças. Bom, não temos ambiente, espaço para adultos; então temos que criar um outro para adultos. Nós temos que ter mecanismos aqui de entender que a política, ela tem que ser para o recém-nascido, mas também para o idoso. Porque queira ou não, nós, idosos, eu me coloco nesta situação já, já tenho mais de 60, nós temos uma certa fragilidade e dificuldade de acessar esse tipo de serviço. Então, Tanise, muito boa aqui a tua pauta, espero que saímos daqui com mais esclarecimentos, até porque estamos na TVCâmara ao vivo, e creio que, nesse sentido, muitos podem estar acompanhando. Muito obrigado.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Obrigada ao Ver. Oliboni. O Ver. Alvoni, que está nos prestigiando aqui, está com a palavra.

**VEREADOR ALVONI MEDINA (REPUBLICANOS):** Bom dia a todos, Deus abençoe, bom dia; quero me autodescrever, estou usando uma camisa branca, estou usando óculos, uma calça azul-marinho, sapatos pretos, cabelos pretos, sou pele morena clara, 1 metro e 65 centímetros de altura. É um prazer, Tanise, estar aqui contigo neste momento tão importante desta pauta, falando sobre as pessoas com autismo. Dr. Alceu, seja bem-vindo à nossa Casa; todos os demais; a minha prima aqui, Mendina, e o seu filho; que Deus abençoe, sejam todos bem-vindos; e toda plateia e todas as pessoas que nos assistem. Às vezes, as pessoas, elas fazem, não olham com bons olhos o trabalho que o Certa está executando. O Certa está recém começando, tem um ano, vai fazer um ano de vida; lógico que ainda tem muitas coisas para serem atualizadas, muitas coisas

para fazer, mas tem gente que adora fazer terra arrasada, quer dizer, não respeita, muitas vezes, os profissionais que estão trabalhando dentro daquela área, o trabalho que eles têm prestado para a comunidade. Em todas as coisas existem alguns algumas falhas e precisamos consertar e resolver, mas nós não podemos também achar que o Certa não está servindo e que realmente, como se não prestasse. Não tinha antes, hoje existe um lugar, onde as mães, os pais podem procurar ajuda, e eu estive ali várias vezes e tenho procurado ajudar também, através das nossas emendas impositivas que a Casa nos permite para que aquele lugar se transforme, seja mais acessível e para que todas as pessoas possam ter ali o acesso. Queremos realmente que o Certa dê certo e que aconteça também em todas as áreas da cidade de Porto Alegre, mas também precisamos que o nosso governo federal venha a olhar para o Estado e venha também aportar condições financeiras para que nós possamos abrir mais lugares para dar atendimento para essas famílias. Sabemos, às vezes, da preocupação dos pais de os filhos começarem a crescer e não terem um lugar para deixar os seus filhos, para que haja continuidade do tratamento. Então, nós também nos colocamos, Tanise, à disposição e hoje, no Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, é fundamental que nós tenhamos realmente, não só no mês de abril, mas que nós possamos também ter, durante o ano, várias ações para conscientizar a população para que nós possamos buscar realmente mais pessoas para estar junto conosco nesta pauta. Nós sabemos da importância que tem, nós sabemos das grandes lutas que os pais e as mães têm tido com seus filhos, e, como Câmara de Vereadores, nós nos colocamos à disposição. Queremos, sim, que dê certo e que continue esse trabalho por toda a cidade. Parabéns, uma boa reunião a todos, que Deus abençoe.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Obrigada, vereador, passo a palavra para a Sra. Fernanda Fernandes, representando o gabinete do prefeito e a Secretaria Municipal de Saúde.

**SRA. FERNANDA FERNANDES:** Bom dia a todos, quero saudar os vereadores; a Ver.<sup>a</sup> Lourdes, presidente; todos os vereadores presentes; também os componentes da Mesa; estamos muito felizes, nós vamos completar agora, em maio, um ano de funcionamento do Certa, que é uma vitória. Foi uma iniciativa que se concretizou, do governo Melo, estava no plano de governo inaugurar e colocar em funcionamento o Certa, e, no ano passado, nós tivemos uma atualização que, há quase dez anos, nós não tínhamos em relação à Política Nacional de Atenção à Saúde da Pessoa com Deficiência do Ministério da Saúde. Nessa atualização, o ministério reconheceu a necessidade de se pensar o TEA de forma diferenciada, criando até um incentivo específico, os parâmetros específicos de custeio, e criando os núcleos de atenção à criança com TEA, que é muito parecido com o modelo que nós já implantamos aqui em Porto Alegre, que é o Certa. Então essas iniciativas que geralmente começam nos municípios, o Ministério, depois, acaba aderindo e reconhecendo, porque é uma necessidade – a necessidade está posta, como você já bem esclareceram aqui –, isso a gente tem que avançar. A única coisa que não avançou ainda – daí quando o vereador trouxe a questão de nos ajudar junto ao Ministério – é que a gente precisa melhorar esse financiamento e os critérios de adesão, porque, como nosso serviço era um serviço recente, o Ministério não considerou para fins de financiamento, a gente recém tinha colocado em operação. O Ministério só considerou serviços mais antigos, não sei se haveria algum no País na mesma modalidade, no mesmo modelo que o Certa. O prefeito Melo já reconheceu a necessidade, inclusive outros dias ele fez uma declaração, postou nas redes sociais a necessidade de ter mais serviços como esse na cidade. E esse é um serviço custeado 100% pelo Tesouro Municipal, então a gente não tem nenhum apoio. A gente começou com recurso próprio, arrancou do zero. É necessário que se pense um custeio tripartite, robusto, para que a gente consiga dar conta, são várias dificuldades, a gente vive trocando figurinhas ali para superar todas as dificuldades que a gente tem nessa área que é tão sensível, que é a financeira, para fazer o serviço acontecer. Realmente, precisamos mais serviços, mas precisamos melhorar essa parte para poder acelerar isso, dentro

do que a Ver.<sup>a</sup> Cláudia trouxe aqui, da necessidade que a gente consiga atender precocemente as crianças, fazer essa detecção precoce e intervir com a estimulação precoce que os profissionais trazem, que é tão importante para que essa criança tenha um melhor desenvolvimento, uma melhor qualidade de vida para a criança e para a família, que também é muito importante nesse contexto. Então, nós estamos, sim, discutindo essa questão da ampliação desse atendimento para essa fila, que a gente sabe que tem, mas o importante é que a gente quer celebrar aqui, neste dia, esse um ano de funcionamento – vai completar agora, em maio – de serviço, que se concretizou na cidade, que é muito importante, é uma referência no atendimento aos pacientes com TEA.

**SR. PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Muito obrigada. Passo a palavra à Fabiana Eloisa Mugnol, a doutora pediatra, que vai tratar da pauta: desvendando o espectro, como identificar sinais precoces de autismo e tratamento.

**SRA. FABIANA ELOISA MUGNOL:** Bom dia a todos, agradeço imensamente este convite num dia tão especial para todos nós que respiramos autismo, horas em tempo de brisa, horas em tempo de tempestade.

(Procede-se à apresentação.)

**SRA. FABIANA ELOISA MUGNOL:** E hoje eu queria trazer algumas informações que se tornam mais palatáveis, quando a gente também utiliza um pouquinho de outras vias, para que a gente possa entender o impacto que isso tem no neurodesenvolvimento, porque todos nós sabemos o quanto é importante o diagnóstico precoce. Mas por que de fato é tão importante o diagnóstico precoce? E, nesses breves minutos, a ideia é exatamente essa, que a gente possa aproveitar esse tempo para sermos sementes e que elas possam germinar em terreno muito fértil, que elas sejam frutos, porque, em 20 minutos, em 10

minutos, a gente não consegue falar dessa imensidão que se chama neurodesenvolvimento.

Então o que a gente sabe hoje sobre neurodesenvolvimento. Nós temos um grande guia que é de domínio público, que se chama passaporte do cidadão – a caderneta de vacinas –, lá a gente tem todos os grandes marcos de desenvolvimento neuropsicomotor, sinais de alerta para autismo, sinais de alerta de crescimento e desenvolvimento, e tantas outras informações. Então, isso é tão diferente do que era na minha caderneta da criança, que era uma folhinha rosa, frente e verso, isso talvez já denuncie que eu já passei dos 40 anos há muito, estou beirando os 50 anos, com muito orgulho, mostra o quanto a gente evoluiu na necessidade de transformar o conhecimento em algo palpável, em algo público, onde nós não sejamos mais detentores do conhecimento, mas nós sejamos instrumento para poder disseminar sabedoria, conhecimentos verdadeiros, e assim a gente ter uma massa crítica pensante sobre tantos outros assuntos. E é por isso que encontros, como esse, fazem sentido.

O neurodesenvolvimento se inicia lá na concepção, então a tamanha importância da saúde materna, da saúde paterna, seja isso uma ovodociação ou qualquer outra forma de vida, seja pelas vias naturais, seja por uma fertilização ou por células que foram escolhidas. Isso é tão importante que, antes mesmo da mãe experimentar o primeiro atraso menstrual, o cérebro já está em desenvolvimento. Então, sim, a gente fala de algo que começa ainda muitas vezes antes de ser e segue durante toda a nossa caminhada. Falar sobre neurodesenvolvimento é falar desde o dia um, desde esse encontro de um óvulo e de um espermatozoide. E vejam quanto isso é importante, porque isso é real, aqui eu estou mostrando para vocês, ao longo da vida, o que acontece nessa organização dessas células tão pequenas e tão importantes que a gente chama de neurônios. Eles vão se organizando de uma forma que todas as informações que são passadas através do meio, e que chegam até o cérebro se organizem para que a resposta seja o mais imediata possível. E esse processo todo se chama plasticidade neuronal, e que acontece durante toda vida. Mas nós temos períodos em que isso é máximo, e são exatamente nessas janelas de oportunidades para o

desenvolvimento que nós, como profissionais da saúde, profissionais da educação, como pai e mãe, sabemos que nós temos um tempo de ouro nas nossas mãos, precioso, que é quando a gente organiza um indivíduo, com a sua dominância manual, com a sua língua mãe, com habilidades que podem ser desenvolvidas ao longo do tempo, como a música, uma nova língua e – por que não? – valores. Aqui é que tudo começa. Observem a curva de crescimento cerebral. Se vocês puderem observar, nós temos, para quem não está podendo enxergar, eu estou descrevendo agora um gráfico onde eu coloco uma linha do tempo em meses, não em anos, e eu falo aqui sobre os picos de desenvolvimento do cérebro. O que é que acaba acontecendo? Então, no mês zero, no nascimento a gente já começa a ter um pico muito grande de proliferação de células, de neurônios que são responsáveis por habilidades que são básicas e inerentes à nossa vida: chorar, movimentar, deglutir. Essas habilidades vão se desenvolvendo de forma máxima lá em torno dos nove meses. E depois nós vamos seguindo na linha do tempo. O que vai acontecendo ao longo dos anos? A gente observa que, sim, nessa infância mais precoce a gente tem o desenvolvimento de grandes habilidades cognitivas, linguísticas, motoras e sensoriais. Isso é o que nós acabamos vendo aqui. Aqui nós temos a vida intrauterina; e aqui a gente está falando da vida extrauterina. Observem o que acontece no primeiro ano de vida, o quanto é importante. Então, sim, quando a gente fala de medidas de saúde pública é sobre isso que nós estamos falando. Antes de falar sobre atipias do neurodesenvolvimento, nós temos que falar do que é esperado para cada idade. A gente está precisando, sim, reconstruir em todas as universidades, em todos os cursos de saúde e de educação o que se espera em cada idade. Não pensem que isso muda com pandemia ou com acesso maior às telas, a nossa espécie ainda segue marcos civilizatórios e evolutivos; a gente está falando, sim, da interferência do meio, que é uma outra questão. Mas aqui nós estamos falando de algo orgânico da nossa espécie. Observem o quão complexa é a idade pré-escolar. Quantas habilidades são desenvolvidas aqui para que elas sejam posteriormente aprimoradas ao longo do tempo, à medida em que eu vou tendo um cérebro mais maduro e mais capaz

---

de fazer algo que é muito mais complexo. Então, aqui é um grande resumo já do que se falava em 1962. Não é um conceito atual, mas ainda pode ser utilizado: a importância que nós temos nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento cerebral e nos nossos desfechos futuros. Aqui é um estudo, de 2004, que nos mostra como vai acontecendo a maturação cerebral – é que visualmente fica mais fácil de a gente poder entender. Tudo o que está em cores mais voltadas para os tons de amarelo e de verde mostram áreas mais imaturas. Observem que esse processo vai acontecendo ao longo do tempo e não finda depois dos 20 anos. A gente ainda tem áreas, como o corpo caloso, por exemplo, que terminarão a sua formação até a terceira década de vida. Então, sim, o nosso cérebro é plástico e as oportunidades de modificar essa circuitaria cerebral não se restringem somente à primeira infância, mas vejam o quanto é importante a gente dar um *start* quando isso é máximo.

Como é que a gente começa pensar em autismo e assimetrias do neurodesenvolvimento? A gente precisa considerar que a Sociedade Brasileira de Pediatria, já de longa data, preconiza, mas isso não é lei, que se façam avaliações seriadas e que nós capacitemos pediatras, que a gente possa também capacitar agentes de saúde, lá naqueles programas que estão lá na ponta, da Primeira Infância Melhor, por exemplo, que a gente possa entender a importância de avaliações para diferentes aspectos do neurodesenvolvimento. Se nós considerarmos que a gente avalia grandemente aspectos motores finos e amplos, linguagem e socialização, com quatro grandes marcos a gente já consegue avaliar se esse desenvolvimento vem vindo bem ou não. Vejam que mesmo que se preconize uma avaliação com seis, nove e doze meses, isso falando de situações muito precoces, em qualquer idade uma criança que perde habilidades já adquiridas deve ser avaliada quanto à possibilidade do transtorno do espectro do autismo. A gente também tem que pensar que, algumas vezes, isso vai demorar um pouco mais para aparecer, porque existem crianças que têm maiores recursos para lidar com algumas falhas no neurodesenvolvimento, e essas falhas não aparecem de forma inequívoca até que a complexidade do meio aumente tanto que isso fique absolutamente visível. Por exemplo, nas

famílias maiores, onde existem muitos filhos, fica muito difícil que se observem as sutilezas muitas vezes. Então, a gente começa a falar sobre: “Será que nós estamos hiper diagnosticando autismo hoje em dia, ou nós tínhamos casos onde as sutilezas ficavam sem diagnósticos?” Aquilo que hoje nós conhecemos como nível 1 de suporte, quantos de nós identificaríamos há 20 ou 30 anos? Provavelmente isso passaria despercebido, seriam algumas pessoas com algumas dificuldades, e não falhas em algumas habilidades, como a gente conhece hoje. Imaginem muitas crianças brincando juntas sem que a gente pudesse olhar para a qualidade da brincadeira, a qualidade da troca, a gente bate o olho diz: “Não, mas está bem, interage”, “olha aí, está no meio de todo mundo”. Mas a gente está começando a olhar para a qualidade, e assim a gente vai compreendendo o diagnóstico. E o diagnóstico é feito por quem? A gente é uma rede, e isso transforma o autismo em algo absolutamente ímpar. Vejam a beleza desse momento. Nós temos aqui professores, nós temos pais, nós temos políticos e nós temos médicos aqui no meio disso tudo. Nós saímos dos nossos consultórios e nós entramos nas escolas; nós saímos dos nossos consultórios e nós estamos aqui dividindo e aprendendo. É assim que a gente faz diagnóstico de autismo. A gente escuta a babá, a gente escuta o cuidador, a gente escuta a escola, e por isso que é tão diferente. E que fala, sim, de uma grande corrente em prol do desenvolvimento, é uma grande corrente em prol de olhar diferente para a sociedade, é uma construção absolutamente heterogênea, que não segue nenhum algoritmo, como nós estamos tão acostumados na academia médica. Observem que a gente pode ter sinais em todas as idades e que falam, muitas vezes, não da ausência da habilidade, mas da falha de uma determinada habilidade, seja ela comunicativa ou dos padrões de comportamento que se repetem, porque essas são as duas grandes pilstras do diagnóstico: falhas comunicativas e padrões repetitivos de comportamento. Assim, a gente tem uma gama de manifestações que são embasadas por esses dois constructos. Brevemente falando, como é que a gente faz diagnóstico? O diagnóstico é clínico, então, eu trago para vocês a necessidade de a gente ter um olhar sobre os marcos do desenvolvimento neuropsicomotor, que a gente possa avaliar com

muita cautela tudo o que a gente está vendo, e o uso também de alguns questionários estruturados. Porque, às vezes, a gente faz um questionário que é dicotômico, faz ou não faz, e a gente vai fazer um somatório, e a gente não consegue ter um score suficiente para falar sobre risco de autismo, por exemplo, mas essa criança está, sim, com risco. Então, que a gente possa olhar muito para a individualidade, que a gente possa observar diferentes conceitos e contextos. Como é essa criança brincando com os pares? Como é essa criança com os adultos? Como é essa criança com os pais? Como são as habilidades comunicativas quando ela está brincando ou quando ela está sendo demandada, por exemplo?

O papel dos exames complementares: se eu falo que o diagnóstico é clínico, eu sei que os exames complementares podem ser muito importantes para diagnósticos diferenciais, para entender melhor a etiologia, mas isso não é fundamental para que eu enxergue as diferentes formas de apresentação do autismo. A temporalidade sempre vai ser muito importante. Às vezes, nós olhamos no momento aquela criança, e a gente não consegue contemplar todos os critérios; em outro momento, talvez outro colega possa olhar e dizer assim: “Nossa, como é que a Fabi não viu isso? Isso é tão óbvio”. Mas mudou a temporalidade, a gente tem uma criança mais madura, a gente teve o aumento da complexidade e ficou mais fácil. Por isso, é importante o olhar de todos, o olhar multiprofissional, e sempre uma análise muito afetiva e criteriosa. Não pensem que é fácil para um pai, para uma mãe, levar sintomas do espectro do autismo para dentro de um consultório. É muito difícil. Então, muitas vezes, as informações virão talvez pela metade, ou virão pela justificativa: “Mas eu nem achei que era importante, porque eu também sou assim”. Então, a gente vai desmistificando muitas e muitas dessas características.

Por fim, eu queria só lembrar, não somente nesse dia 2, mas em todos os dias, que pessoas devem ser chamadas pelo nome, não por um CID. Que a inclusão social, acadêmica e laborativa é direito, não um favor. Somos todos responsáveis por uma sociedade melhor. Pequenos gestos, hoje, podem trazer grandes

resultados futuros. O amor, o acolhimento e a empatia são gratuitos, natos. Pratique. Muito obrigada.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Muito obrigada, Dra. Fabiana. Dr. Alceu Gomes, que vai abordar o assunto: “Porto Alegre inclusiva: um ano do Centro de Referência do Transtorno Autista (Certa) – conquistas e desafios no tratamento do autismo”.

**SR. ALCEU GOMES CORREIA FILHO:** Bom dia a todos. Eu estou com meu ralinho terno azul, que eu uso sempre em eventos, já está bem conhecido por todos. Queria cumprimentar a Ver.<sup>a</sup> Lourdes e já aproveitar um gancho rapidinho. Nós estamos com projeto de pet terapia muito avançado lá, aguardando a sua... Um termo de colaboração com a Uniritter, então, já está bem avançado. Ver.<sup>a</sup> Tanise Sabino, proponente da pauta; Ver.<sup>a</sup> Cláudia Araújo, onipresente que eu chamo; embora o nosso Jesus Cristo, Ver. Oliboni, também. Esse grupo sempre acompanhou a gente. A Ver.<sup>a</sup> Mônica, também, sempre acompanhou a gente...

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Desculpa interromper, eu esqueci de citar a Ver.<sup>a</sup> Mônica, que é da Comissão e chegou há pouco tempo.

**SR. ALCEU GOMES CORREIA FILHO:** A Fernanda aqui representando; a Fabiana, que é nossa consultora no Certa, já esteve dando capacitação para os nossos técnicos lá do Certa. Falar depois dela é muito difícil.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível)

**SR. ALCEU GOMES CORREIA FILHO:** Exatamente. A Luciana Mendina; o Bernardo, que eu conheci muito pequenininho; o André, que é do comitê gestor; o Adilson, que é do comitê gestor, enfim. Queria dizer a vocês que estou bastante emocionado hoje, porque na verdade o Certa completou 10 meses, está completando 10 meses. A ideia hoje é poder dar transparência aos números, às

questões, aos questionamentos. Quando a gente pensou no Certa, já tínhamos pensado no Certa Mais; não obstante, era importante que aquelas crianças precoces, que estavam com uma grande demanda reprimida, pudessem ter acesso a um diagnóstico que nós tínhamos. Então nós optamos por iniciar com as crianças, sem descuidar o grupo de trabalho que está para o Certa Mais. A gente ainda não conseguiu na LOA de 2024, mas a gente está com grande esforço para que em 2025 o Certa Mais, que vai atender adolescentes e adultos, voltado para os aspectos vocacionais e inclusão em mercado de trabalho. É uma promessa que está se configurando como uma realidade. Nós inauguramos na segunda semana de maio e praticamente começamos a assistência em junho de 2023; foi um esforço de dois anos. Gostaria de dizer também – estava falando com a Geórgia, que eu me esqueci de cumprimentar – a grande dificuldade que é para a gente cadastrar um CER, que também leva em torno de dois anos. O tempo que a gente levou na caminhada para o Certa, e a Fernanda falou muito bem, o Rio Grande do Sul é pioneiro em criar políticas públicas que depois são absorvidas em nível federal. Então, assim, os centros de referência do autismo... Há 20 anos já tinha, no País, o primeiro Centro de Referência do Autismo. Nós chegamos graças a este Parlamento, de duas leis que foram votadas por unanimidade. Nós chegamos com atraso, mas chegamos, conseguimos colocar de pé o Centro de Referência do Autismo. A gente tem um protocolo de avaliação, e a Fabiana colocou muito bem, uma criança TEA não é uma CID jogada num laudo com várias horas de terapia. Só para que vocês tenham uma ideia, a fala é apenas um dos transtornos da linguagem, então, as crianças precisam fazer uma avaliação multidisciplinar com fonoaudiólogo para saber se é um transtorno do desenvolvimento da fala, se é uma praxia da fala, se é um mutismo seletivo, se tem uma deficiência intelectual associada. Então, são vários distúrbios da linguagem, a fala é apenas um deles. Colocando já para o Ver. Oliboni, reforçando: o diagnóstico de TEA é um diagnóstico clínico, que precisa... Em algumas crianças você consegue fazer o diagnóstico na primeira, na segunda consulta, outras crianças você precisa de um tempo longitudinal, não só para ter o diagnóstico, mas para saber quais são as áreas que estão mais

comprometidas para que possa se investir, inicialmente, nessas áreas. Então, em algumas crianças realmente o diagnóstico leva dois, três, quatro meses. Nós temos crianças no Certa, 10% das crianças que chegaram até nós, que temos dúvida se têm TEA ou não, ou seja, que vão passar por uma avaliação mais criteriosa, a escala de ADOS, que é o padrão ouro para ter com precisão o diagnóstico de TEA, mas mesmo assim, essas crianças que estão lá vão continuar sendo acolhidas por nós até que sejam devidamente encaminhadas. Quero tranquilizar as mães também, que a criança quando faz 12 anos, ela não é defenestrada do Certa, ou seja, nós temos crianças com 13, 14 anos lá que vão continuar até o Certa Mais ser instalado. Então, a gente tem todo esse cuidado nessa transferência de cuidado. Nós temos uma equipe multidisciplinar grande; uma equipe multidisciplinar grande passa desde a consulta com a enfermagem. Eu queria dizer para vocês que nós atendemos crianças com muita vulnerabilidade. Toda criança que chega lá, primeiro a enfermagem vai ver se essa criança não está com algum roxo no corpo. Porque nós temos crianças com história de espancamento, de maus-tratos, de abuso sexual; casos muito graves de muita vulnerabilidade. Por isso que eu digo: é um contexto, uma criança dentro de um contexto. Passa pela avaliação da enfermagem; nós temos a nutricionista, que faz toda avaliação nutricional; a gente sabe da questão da restrição alimentar; a psicologia, o serviço social, a terapia ocupacional. Aliás, gostaria de dizer para vocês que a única faculdade de terapia ocupacional que nós tínhamos em Porto Alegre fechou. Nós estamos com uma carência grande de terapeutas ocupacionais, não somente no Certa, porque os terapeutas ocupacionais estão construindo suas próprias clínicas, então nós estamos com vagas em aberto para terapeuta ocupacional. A UniRitter começou uma faculdade agora, mas só daqui a cinco anos vai estar lançando profissionais no mercado. Então, essa é uma carência real de terapeutas ocupacionais que nós temos. Nós temos avaliação neurológica, avaliação psiquiátrica e do fisioterapeuta, então é uma equipe grande que avalia essas crianças. O nosso tempo estimado era conseguir concluir as avaliações em dois meses. Qual foi o fenômeno que aconteceu? Quando o Certa inaugurou, a nossa capacidade

instalada era de 250 crianças, em três meses, nós recebemos judicialização para 272 crianças, muitas crianças judicializadas vieram via judicial, e ordem do juiz a gente cumpre. Ou seja, nós optamos por absorver, acolher essas crianças, passar pela avaliação médica. E uma coisa que me deixou um pouco triste, ontem, dizendo que nós temos um viés medicamentoso. Não, nós não temos um viés medicamentoso, mas eu não posso negligenciar uma criança que chega no Certa e que está convulsionando, precisa ser estabilizada a convulsão, por sorte nós temos médicos lá, das 7h às 19h, que avaliam muitas crianças convulsionando. Eu não posso negligenciar uma criança grave, que bate com a cabeça no chão ou na parede até sangrar, com risco de ter traumatismo crânio-encefálico, eu preciso intervir do ponto de vista médico com essas crianças para que elas possam estar estabilizadas para serem inseridas nas terapias.

Nós recebemos do Gercon em agosto, em setembro e em outubro a gente teve que fechar as portas, porque estava com risco, 272 crianças acima da nossa capacidade instalada. Ou seja, em agosto, setembro e outubro, nós recebemos grande quantidade de crianças, repito, muitas judicializadas por uma enorme demanda reprimida. O que aconteceu? Antes não tinha visibilidade, que bom que tem mais visibilidade e que as mães, os familiares estão recorrendo aos seus direitos, e nós precisamos acolher. Um diferencial, como vocês devem ter percebido ontem, o Certa tem um forte controle social, e que bom que ele tem esse controle social para gente poder fazer esses ajustes. Nós estamos abertos às famílias estarem lá, é o nosso sonho que as famílias consigam montar uma associação lá dentro, para que possam se apropriar cada vez mais das diretrizes e que possam, junto com a gente. Diferente que, muitas vezes, a gente observa – eu não quero aqui fazer nenhuma crítica –, mas a gente observa um pulverizar de clínicas privadas que, muitas vezes, não têm controle social nenhum sobre essa criança, se realmente ela está fazendo o método ABA, se ela está em terapia, se essa criança não vai cobrar igual da indenização administrativa da Prefeitura. E o Certa, do ponto de vista financeiro, ele é muito barato. Então, se a gente conseguir efetivar os nossos desafios, que eu vou colocar mais adiante, a gente vai mostrar uma economicidade, um custo benefício muito importante.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**SR. ALCEU GOMES CORREIA FILHO:** Sim, posso te falar dessas duas altas. Uma, foi uma mãe que se mudou para outra cidade, para Santa Maria; e outra, foi uma família que desistiu do tratamento, que é um direito da família. Alta clínica nós ainda não tivemos a oportunidade de dar. E a tua pergunta é muito importante, pessoal, porque é diferente de outros serviços públicos que davam um ano de tratamento, em dois anos de tratamento, nós não temos data de validade, pode demorar um pouquinho ali no início a terapia, mas a criança vai ficar enquanto houver necessidade de ser atendida. Se completar 12 anos, 13 anos, será transferida para o Certa Mais.

**SRA. MIRIAM ANTUNES CAMARGO ALVES:** Bom dia, eu me chamo Miriam, moro no Lami. O meu filho tem 10 anos, ele é autista, vai fazer três anos que a gente recebeu o diagnóstico, foi bem difícil conseguir um profissional da saúde que visse que ele era autista, mas a gente conseguiu. Quando a gente ficou sabendo do Certa, nós fomos lá para ver se conseguíamos uma vaga, para entender mais também sobre o centro, porque nos informaram que não tínhamos direito por morar no Lami e por ele já ter nove anos, quando a gente foi, e que ele já tinha laudo. E agora eu ouvi o senhor falar, e fiquei pensando que talvez fosse por ele já ter laudo, ter nove anos e que talvez ele não fosse diagnosticado desde pequenininho, que tivesse a oportunidade de estar fazendo o tratamento dele lá.

**SR. ALCEU GOMES CORREIA FILHO:** Desculpe-me, mas a informação não converge, porque nós atendemos crianças das Ilhas ao Sarandi, do Lami, do Morro do Chapéu, enfim. O que talvez tenha ocorrido um ruído na informação é que nós não trabalhamos... Os pacientes que chegam para nós, eles vêm via Gercon, então, tem que ser levado ao posto de saúde – isso exaustivamente nós noticiamos –, o paciente vai para o posto de saúde, onde é feita uma suspeição

---

diagnóstica, Ver. Oliboni, ou com as escalas M-CHAT-R/F ou com as escalas que se está propondo que sejam aplicadas de rastreio, e é preenchida uma matriz de agravos, e é o Gercon que encaminha para nós. Então, nós nem podemos dizer se nós aceitamos ou não aceitamos. São feitas duas triagens prévias antes de chegar para nós. Talvez, tenha ocorrido algum ruído nessa comunicação, mas nós, inclusive, aceitamos crianças 11 anos e 11 meses lá no Certa, sim. Aqui temos um dado extremamente importante, que fecha com a literatura internacional: 75% são meninos e 24% são meninas, uma média de três para um, então esse dado fecha. E um outro dado muito importante, que é o interessante e que a gente conseguiu: mais de 70% das crianças que chegaram até o Certa têm até quatro anos. Então, essas janelas, nós vamos ter tempo de trabalhar. E essa é uma etapa muito difícil para as mães que recebem o diagnóstico, para as mães elaborarem o diagnóstico, e a gente entende perfeitamente a ansiedade das mães. Uma coisa é tu falares com uma mãe de uma criança de quatro anos que recém recebeu o diagnóstico, outra coisa é tu falares com uma mãe de uma criança de 14, 15 anos, que já tem uma estrada, que já trilhou. Então, a gente entende que aqui chegam muitas vezes as mães que realmente querem a sua terapia para ontem, com toda a razão, porque receberam o diagnóstico, porque estão elaborando o diagnóstico, porque estão trabalhando internamente uma enorme dificuldade de como é que vai ser o seu futuro, como é que vai ser o futuro do seu filho. Mas aqui vejam bem que nós conseguimos. Eu acho esse *slide* o mais importante nosso, porque se a gente tivesse tido 70% com 11, 12 anos, a gente não teria feito esse primeiro passo, que era atender àquelas crianças de idade precoce. Então mais de 70% tem até quatro anos. O próximo, por favor.

Aqui nós temos uma pesquisa de satisfação, é uma pesquisa anônima, somente familiares podem preencher, eles não precisam se identificar, onde a gente teve um retorno importante. O nosso grande problema tem sido realmente a nossa recepção, que a gente vai ampliar. As mães se queixam muito que é uma recepção minúscula, porque era um prédio que foi adaptado, era uma antiga creche que foi adaptada, e a recepção era pequena e tem toda aquela questão

de índice construtivo, da gente conseguir, depois ter que alterar PPCI, enfim, tudo isso passa por questões que não dependem do nosso esforço. Queria dizer para vocês que eu vivo o Certa 24 horas por dia, e quando eu durmo, eu sonho com o Certa ainda. Para esse esforço grande, nós vamos ter a nossa recepção ampliada.

A alimentação é um quesito que precisa ser melhorado; limpeza também foi apontada. A nossa classificação no Google é 4,6 estrelas. Essa pesquisa é feita mensalmente, está lá essa pesquisa de satisfação, e ainda tem um espaço aberto para sugestões. E ainda nós temos o grupo de pais, aberto, que podem ir lá, porque, às vezes, é fácil fazer uma crítica atrás de um celular, mas a gente quer as pessoas olho no olho, construindo junto conosco o Certa que todos desejamos.

Eu queria dizer para vocês que até agora nós já tivemos quase 8 mil atendimentos. A nossa previsão para o ano de 2024: finalizar todas as avaliações, os PTIS são verdadeiros estudos de caso. Cada criança, depois que passa pelas avaliações, é discutida por todos os profissionais; volto a dizer, uma criança, como a Fabiana bem falou, não é um CID jogado num laudo com uma quantidade de terapias, precisa que o fono converse com o TO, converse com o neurologista, converse com o psiquiatra. Então, toda quinta-feira, do meio-dia às 14h, nós paramos tudo e fizemos a discussão de todos os casos, e, volto a dizer, nós temos casos muito, muito graves e muito vulneráveis, crianças que não conseguem entrar num ônibus, crianças que não conseguem pegar um Uber. Outra coisa, outro diferencial, a mãe pode chegar faltando 1 minuto para terminar a consulta que ela é atendida, porque a gente sabe que uma mãe acordar uma criança, muitas vezes para pegar um ônibus, para pegar um Uber, o tempo flui de uma outra forma.

Então: finalizar os PTIS dos pacientes; aumentar da recepção e o *playground* para entrada; criação da sala sensorial – a Ver.<sup>a</sup> Tanise doou três óculos, por emenda parlamentar, de realidade virtual, que estão sendo utilizados, um já está sendo muito bem utilizado. É muito interessante a relação das crianças com

óculos de realidade virtual para tratar questões fóbicas, para tratar questões sensoriais, é muito útil, e já tem estudos mostrando essa questão.

Formação de grupos de pais para escuta das demandas do Certa; está lá o grupo aberto, a gente quer que os pais possam chegar lá e nos trazer as demandas do Certa, para nós, olho no olho, no dia a dia, é construindo juntos que nós vamos conseguir consertar os desafios e redirecionar os nossos rumos.

Formação das turmas da clínica-escola. Nós temos uma clínica-escola ali no Certa, que faz uma ponte com as escolas, as crianças que não conseguem ficar em sala de aula, e existem crianças nível de suporte três em que a mãe diz “eu deixo meu filho na escola à 1h da tarde e 1h30min já estão me chamando”, por quê? Porque a escola, muitas vezes... Nós fizemos um curso de capacitação de manejo de crise para todos os funcionários. A escolas, hoje, quando uma criança se agita e começa a bater com a cabeça no chão ou na parede, chamam o SAMU, e esse é um protocolo que nós precisamos mudar, e o Certa está aberto para isso. Nós vamos começar pela Escola Tristão, fazer essa questão do manejo de crise e também ajudar o SAMU para que não precise chamar a brigada para o manejo de uma criança, certo? Então, precisa muitas vezes conter com abraço? Precisa conter com um abraço. A gente precisa conter; precisa, muitas vezes, medicar para não ser negligente com aquela convulsão que a criança está tendo ali; a gente precisa medicar.

Capacitação e manejo de crise aos colaboradores e aos pais. Esse curso de manejo de crise nós vamos passar para os pais, para um pai aprender como conter uma criança, como desfocar, como trabalhar com os gatilhos, os reforçadores.

Um aditivo contratual, que tem sido uma grande dificuldade, que a gente está trabalhando bastante nesse sentido.

Iniciar alguns projetos de pesquisa, de dados. Vejam bem, não são pesquisas biológicas, não se assustem, é trazer os dados para que a gente possa saber se as nossas intervenções estão sendo feitas de forma adequada, ou se o perfil daquelas crianças exige outras intervenções. Adquirir materiais especializados para diagnóstico e tratamento dos pacientes – precisamos melhorar a nossa

sala, incluir uma sala sensorial, a minicasa; enfim, a gente precisa desengessar as emendas parlamentares para que a gente possa dar uso útil das emendas parlamentares, tanto municipais, quanto estaduais e federais. Por fim, queria dizer assim que um dos gestos que eu achei... A gente ainda está em fase de namoro, vou colocar assim, já passamos a primeira etapa, mas uma coisa que eu queria muito, que eu acho que vai ser um grande exemplo do Certa para sociedade, é somar esforços, ou seja, o Programa TEAcolhe, aceitou a nossa a nossa solicitação de inclusão, para que a gente possa receber incentivos estaduais. Eu espero, daqui a um tempo, estar dizendo para vocês que o Certa te acolhe, e volto a dizer: somente se conseguirmos juntar esforços, vamos corrigir as dificuldades, sobretudo no terreno da terapia que estamos enfrentando. Toda palestra finalizo com um provérbio africano – as pessoas já estão cansadas de ouvir o meu provérbio africano, mas é um provérbio importante e diz que é necessário o esforço de uma aldeia inteira para que a gente garanta a sobrevivência de apenas uma criança. Então, esse é o momento em que a gente precisa realmente somar esforços. Essa aproximação com o Programa TEAcolhe, com duas políticas públicas, porque o Certa está garantido por lei, não é um programa desse governo, o Certa vai existir com o futuro prefeito de Porto Alegre, que vai continuar com o Certa. O comitê gestor vai se renovar: agora em maio a gente tem a mudança da direção do comitê gestor por estatuto, e a gente vai... Ninguém é perene ali – sou servidor público há 23 anos –, ninguém é fixo num cargo; então, o comitê gestor vai se remodelar. O Certa vai continuar porque é uma política pública, e o Programa TEAcolhe também vai continuar, porque também não é só um programa de governo, é uma política pública. E o encontro dessas duas políticas públicas, a soma desses esforços foi uma iniciativa do secretário Ritter, para que a gente tenha mais aporte financeiro, para poder contratar mais profissionais. Queria agradecer ao parlamento que também aprovou uma emenda para que, na Operação Inverno, a gente possa contratar alguns psicólogos para poder dar celeridade para essa demanda reprimida, psicólogos e fonoaudiólogos. Muito obrigado.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Muito obrigada, doutor. (Palmas.) O Sr. André Vicente, está com a palavra para falar sobre inclusão escolar, estratégias efetivas para os alunos com o Transtorno do Espectro Autista.

**SR. ANDRÉ VICENTE:** Bom dia a todos, bom dia a todas, início a saudação então falando fora do microfone, como estratégia de acessibilidade para as pessoa pessoas com deficiência visual, assim, como eu. Sou professor da rede municipal, estou na equipe de educação inclusiva da SMED, trago aqui também uma saudação, um abraço da Josiara de Souza, que a coordenadora da nossa equipe, que me pediu para também conversar com vocês, contar um pouco da história da rede – aí, junto a isso, também mesclo a minha fala, depois peço licença a vocês para contar uma historinha, uma história um pouco pessoal, mas que também reflete a história de muitas pessoas com deficiência, incluídas. Então começo – não trouxe apresentação – pedindo a compreensão de todos para gente conseguir que a fala seja um diálogo bem interessante. Então começo contando um pouco da história dessa rede, na questão inclusiva, porque essa rede, vou pegar um gancho do Dr. Alceu, é precursora de muita política pública, e com a inclusão escolar não foi diferente. Nós tivemos aqui as primeiras salas de recursos, chamadas, no Município, de Sala de Integração e Recursos – SIR, depois eu conto por que, ainda na década de 90, lembrando a todos que a política nacional é de 2008, que trouxe as salas de recursos multifuncionais, em 2008 até 2011. Então, tivemos aí uma caminhada bastante antecessora; é claro que em outros municípios também se fazia inclusão, e a minha história também vem daí, mas Porto Alegre então tem isso enquanto política pública de rede, claro que inicia com salas polo, inicia também já em 1992/1993, com o serviço de educação precoce, pedagogia inicial, para atender então as crianças, antes da vida escolar, na época, de idade obrigatória. Então, essa rede é muito potente; aí eu vou pedir licença para contar um pouco de uma história pessoal, que normalmente conto, mas eu acho importante para ilustrar um período diferente do que a gente vê agora. Eu fui para 1ª série em 1994, aquela história

toda da Declaração de Salamanca, a gente tinha o discurso de inclusão das pessoas com deficiência nas escolas comuns, mas ainda não tínhamos uma política pública nacional. Na época, eu morava em Novo Hamburgo, passei uma parte da minha primeira fase escolar em Novo Hamburgo e depois vim para Porto Alegre. Eu gosto de contar essa história, porque a realidade era a seguinte: o prefeito... Vou fazer um pouco da licença poética, porque obviamente eu não estava lá, aos seis anos eu não sei exatamente as palavras que foram ditas, mas o diálogo foi mais ou menos assim: o prefeito chamou as diretoras e os diretores das escolas e disse que existia a Declaração de Salamanca, o Brasil sendo signatário e tudo mais, então precisava começar a incluir as crianças nas redes públicas, nas escolas comuns – que a gente chamava de escola regular. A pergunta do prefeito: “Eu gostaria de conversar com vocês. Quem de vocês aceita começar a trabalhar com esses alunos?” Eu vou repetir a pergunta para que fique claro: “Quem de vocês aceita trabalhar com esses alunos?” A gente não tinha lei, então ainda estava... E nós fizemos um certo tempo isso nas secretarias, essa prática do convencimento. Então, eu tive a sorte de estudar nessa escola que aceitou, e é uma escola que tem esse trabalho desde 1994, em Novo Hamburgo, que atuava com pessoas com deficiência visual e deficiência física. Tinha outra escola em Novo Hamburgo que atuava com pessoas surdas também, mas a proposta começava aí. Aqui em Porto Alegre, depois eu vim a descobrir que nós tínhamos já as salas de recursos, que começaram com algumas escolas e depois foi se ampliando. Por que eu trago essa história e por que eu falo de Porto Alegre como precursora? Para dizer para vocês que a nossa rede – e aqui também o Adilson Corlassoli que também é professor, que já atuou nessa rede e sabe muito bem –, ela é muito potente. Nós temos aqui salas de recursos, o serviço de educação precoce e psicopedagogia inicial, as salas de recursos específicas, polos, as salas de recursos visuais para atender as pessoas com deficiência visual. Temos as salas de recursos EJA, salas de recursos para atender o público com altas habilidades e as salas de recursos do programa de trabalho educativo, que é outra estratégia para cumprir a política pública também que é muito interessante no Município em termos de

que a gente tenha esse trabalho nas escolas municipais. Outros municípios têm, vários municípios têm, mas são programas que são feitos em OSC – Organização da Sociedade Civil, em outros locais que não dentro da escola. Então, Porto Alegre, enquanto política escolar também traz esse trabalho. É claro que nós temos muito a avançar e muito mudou, principalmente no número de crianças – isso é muito bom –, em especial com TEA – Transtorno do Espectro Autista –, matriculado nas escolas. Quem trabalha com educação há mais tempo também sabe que essas crianças muitas vezes estavam diluídas no meio das outras crianças e, às vezes, com múltiplas deficiências. A gente nem sempre conseguia dar atenção a todas as multiplicidades, então, hoje em dia, a gente tem esse ganho midiático da gente ter muito mais apelo também pela crescente do diagnóstico; nós temos o autismo muito mais em evidência, e a gente felizmente fala muito mais sobre ele. E aí eu faço um apelo também para as famílias, e digo que nós estamos, enquanto SMED, juntos, e a nossa orientação é que, sim, os professores e as famílias... – a gente usa muito o tripé de família, escola e saúde –, que as salas de recursos estão abertas para os familiares para a construção, para a concessão tanto do PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, do plano de Estado de recursos, o PEI – Plano Educacional Individualizado – que é o plano que vai tratar do estudante enquanto escola. Então, as salas de recursos estão abertas para receber para a construção desse plano, para o diálogo. Nós temos os apoios que são um serviço do Atendimento Educacional Especializado na forma dos monitores e dos estagiários, os monitores que são profissionais concursados da rede. E agora, o programa Incluir+POA, que está iniciando e veio para injetar mais RH e para aumentar a oferta desses apoios no formato dos agentes. Ainda esse programa está começando, não temos todos os agentes ainda nas escolas, mas estamos caminhando. Então, um apelo também para que a gente caminhe junto e construa no diálogo, um apelo para as famílias, porque eu venho de uma geração – claro também porque a demanda era menor e também porque não tinham tantos vídeos e tanta internet – que a gente conhecia uma pessoa com deficiência, vivia indo visitar, conhecendo a pessoa, conversando com os

familiares, conversando com ela quando possível, conversando com os familiares, vendo como ela vivia e não através de vídeos, de internet que muitas vezes não refletem a realidade daquele lugar. É óbvio que a pesquisa é importante, a internet está aí e muito se aprende e acho que, sim, tem total direito de pesquisar, mas é sempre importante conversar com quem está ali. Assim como o Dr. Alceu, a Dra. Fabiana, todos os profissionais que acompanham aquela criança em função do diagnóstico, mas em função também de criar um plano educacional. No fim, o que a gente quer é que todo mundo viva melhor. A escola está aí também parceira para a gente iniciar esse... Muita coisa se enxerga na escola, então é isso. Fica esse apelo para que a gente construa com a escola, a família e escola pensando em cada um como um. Obrigado. (Palmas.)

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Muito obrigada. A Sra. Luciana Mendina, jornalista, vai falar sobre coração aberto, uma mãe fala sobre aceitação, esperança e amor no mundo do autismo.

**SRA. LUCIANA MENDINA:** Bom dia a todos, vou falar aqui de pé também, trouxe Bernardo, o meu filho, porque a gente sempre defende o lema “nada sobre nós, só nós”. Vou me autodescrever. (Procede-se à autodescrição.) Quero agradecer por esse momento, vereadores, agradecer à Dra. Fabiana, à Fernanda, ao Dr. Alceu, que é parceiro de longa data, foi o primeiro médico a ver o Bernardo, quando Bernardo tinha 1 ano e 11 meses, toda a minha gratidão por esse olhar, excelente profissional. Agradecer pela fala do André, e ao pessoal da Inclusiva que está aqui conosco, da associação, a minha vice, a Patrícia, às mães Miriam e Miriam, à Geórgia, da saúde, ao meu colega, enfim, muitos amigos aqui presentes. É tão importante que eu acho que a palavra de ordem aqui é união, porque existe essa demanda reprimida, já existia quando foi criado o Certa, então ele só absorveu uma demanda que já existia. Nós sabemos que cada vez mais nós temos diagnóstico de autismo. Para vocês terem ideia, quando o Bernardo foi diagnosticado, havia um autista a cada 150 pessoas, há

mais de 21 anos; agora temos um a cada 36. E a Dra. Fabiana explicou os motivos, é multifatorial, uma questão que só vem crescendo, e a gente tem que se adaptar. O Certa está de parabéns, vai fazer um ano, está cumprindo sua missão, ajustes sempre são necessários, mas está de parabéns, é um centro que tem eixos importantes, saúde, educação, assistência social, só que a gente tem que se unir para criar o Certa+ e para criar outros Certas. Por que a urgência, por que o desespero das mães? Porque depende muito da infância, da detecção precoce. Eu, como idealizadora da lei da detecção precoce, aí eu me dirijo ao Ver. Oliboni, nós já temos esse teste, já temos desde 2017 a lei atuando em todo país. Então na caderneta de saúde da criança já é feito o protocolo de risco, é como se fosse o teste do pezinho. Então nós já temos desde 2017. O que a gente precisa é divulgar que nós temos, é conscientizar que nós temos, mas nós temos sim, e é obrigação do SUS aplicar os protocolos de risco, que são essenciais, porque faz toda a diferença a detecção precoce. Quanto antes for tratado, mais chance de reverter sintomas. E aí eu também falo uma questão bem importante, existem níveis de suporte. Então a gente não pode achar que é tudo a mesma coisa, cada autista é único, o que beneficia o nível de suporte um nem sempre é adequado para o dois e o três. Então é muito difícil a gente ter uma receita de bolo, essa questão é muito complexa, por isso é importante que a gente tenha vários trabalhos, várias ações em prol do nossos autistas. E aqui eu falo coma a Inclusiva, que nós temos um projeto muito importante e queremos nos somar ao Dr. Alceu, ao Certa, ao Te Acolhe, com um projeto de apoio psicológico para as mães, e para isso eu peço apoio de vocês, Ver.<sup>a</sup> Tanise, que sempre está nos ajudando, Cláudia Araújo, agora estou conhecendo o Ver. Oliboni, a Ver.<sup>a</sup> Lourdes, a Ver.<sup>a</sup> Mônica. Então todos vocês... A gente quer fazer esse projeto de apoio, a gente sabe que o SUS não vai dar conta, até porque pela regularidade que a gente pretende fazer, tem que ser um apoio de verdade, efetivo, ou seja, no mínimo duas vezes por semana de terapia para essas mães que precisam, seja via grupo de apoio, seja individualizado. A gente sabe que não tem braço para tudo isso. Então a gente, como associação, se dispõe a fazer um projeto que realmente contemple as mães e quando eu digo mães, as

vozinhas também estão incluídas, as tias, quem cuida legalmente da criança. E nesse primeiro momento serão as mães, a gente não vai contemplar os pais nesse primeiro momento. Por quê? Porque elas precisam local de escuta delas, elas precisam, e a gente sabe que 80% de quem cuida do autista são as mães. Esse é um dado muito importante para que a gente pense também, além do tratamento, sobre emprego para essas mães. As mães têm me procurado e falado: “Eu quero trabalhar”. Várias mães querem trabalhar, mas como vamos dar um trabalho, se nós temos a questão trabalhista tão rígida? Porque é rígida, vamos falar a verdade, porque prevê 8 horas. Como uma mãe de autista consegue trabalhar 8 horas com um filho autista nível três, severo? Ela não consegue ficar 4 horas longe do filho. Que trabalho? Aí elas têm falado para mim: “*home office*, o trabalho *home office*”. Mesmo assim, gente a gente tem que pensar em um programa específico para essas mães, porque mesmo em *home office*, né Dra. Fabiana, ela não tem garantia de que o filho não vai ter um surto, não vai ficar sem dormir aquele dia... Nem essas 4 horas são delas, as mães não têm nem 4 horas. Eu estou aqui como mãe hoje, como presidente da Inclusiva, para falar que agora o nosso olhar deve ser voltado para as mães, para quem cuida. Nós temos muitas leis, muitas leis. A gente está à disposição tanto para a Câmara, para auxiliar vocês, quanto auxiliar a saúde, a educação, porque nós não queremos mais leis, nós queremos projetos, queremos concretizar. Na educação temos o monitor, temos tratamento precoce, temos os protocolos de risco, temos inclusão, mas falta aquela questão de viabilizar a vida dessas famílias, a vida dessas famílias, porque quando eu falo para uma mãe: “vamos tomar um cafezinho”, e ela fala assim: “eu não tenho como, eu nem penso nisso, eu só penso que eu quero que o meu filho durma essa noite”. Essa é a realidade de muitas mães, elas acham que não têm direito a um cafezinho, elas acham que não têm direito a dar uma volta na rua, e elas ainda acham natural esse tipo de fala, e eu digo: “não é natural você pensar dessa forma, não é natural você achar que você não tem tempo para você e que a sua vida vai ser assim”. Eu já passei por tudo isso, agora eu tenho esse moço, que tem 23 anos, está na faculdade, mas o Bernardo não era um autista leve como a maioria das

peçoas pensa, o Bernardo era autista clássico. O Bernardo com dois ou três anos, se fosse diagnosticado hoje, seria autista nível três. Só que, graças ao tratamento, o Bernardo se tornou o que ele é hoje e está na faculdade fazendo Biologia. E passou sem cotas, que ele tem orgulho de falar, porque ele quis deixar para uma pessoa que precisasse mais do que ele, para um autista que precisasse mais do que ele. Então, estudou e passou, e me deu uma angústia enorme, rezei muito para ele passar, imagina se não passa. Mas eu apoiei a decisão dele – decisão dele – e tenho muito orgulho. Nem todos vão ficar como o Bernardo? Sim, nem todos vão ficar, mas a gente tem que fazer a nossa parte para garantir que eles tenham oportunidade de ficar como o Bernardo. Então, quero agradecer esse momento de fala, é sempre emocionante estar com essas mães, é sempre emocionante estar com vocês e saber que eu posso contar com a Câmara, que vocês têm esse olhar. Porque eu sei que, se vocês nos ajudaram com o Certa, vocês não vão nos ajudar com o Certa Mais e com outros Certas e outros programas, então, muito obrigada. (Palmas.)

**SR. BERNARDO MARTÍNEZ:** Bom dia, meus caros vereadores, bom dia, meus caros amigos; em especial, você, Dr. Alceu, que está merecendo homenagens. E, sim, eu concordo, tua fala foi muito boa, Dra. Fabiana, e é bem relaxante mesmo. Antes de começar, eu vou me autodescrever, porque o Alvoní começou essa tendência aqui agora, e eu vou dar continuidade. (Procede-se à autodescrição.) Bom, sim, eu posso confirmar, o que minha mãe disse sobre o diagnóstico precoce realmente é verdade. Eu me beneficiei muito, fui diagnosticado quando tinha 1 ano e 11 meses, graças em parte, primeiro, à observação das professoras que o meu comportamento em sala de aula não estava bom, estava anormal. Foi graças à identificação das minhas professoras que minha mãe conseguiu perceber que havia algo que não estava ocorrendo bem comigo, que eu não estava me desenvolvendo com uma criança normal. Bem aquilo que tu falaste, Dra. Fabiana, às vezes, quando você tem mais de uma criança – eu tenho uma irmã mais velha – fica meio difícil você perceber, até também porque minha mãe me ama, achava que eu estava sendo jeitosinho

como ela me disse, então, estava relevando. Felizmente eu fui avaliado por uma equipe multidisciplinar e, nesse contexto, o Dr. Alceu foi o primeiro médico a me ver, foi o primeiro psiquiatra a me ver, e confirmaram o meu diagnóstico de autismo na época. E eu posso confirmar que foi benéfico para mim, porque, com nove anos de idade, eu já tinha melhorado da maioria dos meus sintomas, já conseguia falar direitinho, consegui me alfabetizar com sete anos de idade, que foi bem tardio, mas eu consegui recuperar direitinho o tempo, já sabia desenhar, já estava tendo um bom desempenho acadêmico, tinha alguns amigos, mesmo que fossem poucos e com certa dificuldade. Recebi alta médica aos nove anos de idade, parei de ter minhas consultas com os meus dois psicólogos, o Alfredo Jerusalinsky e a Eda Tavares por causa disso. Eu não resolvi todos os meus sintomas na época, porque eu ainda tinha uma certa seletividade alimentar, mas, quando eu me mudei para Brasília, isso foi corrigido. Eu mudei para Brasília com minha mãe e minha irmã e viemos morar aqui de novo. Meu pai não pôde vir conosco porque ele já tinha falecido na época infelizmente. Ele faleceu quando eu tinha três anos, e a minha irmã cinco – um ano depois do meu diagnóstico. Eu imagino como foi para minha mãe, além disso, ter que lidar com a situação de viúva, ter que perder o homem que amava tanto e com o qual tinha o casamento tão feliz, mesmo que fosse por apenas sete anos infelizmente. Nesse contexto pode-se dizer que eu estou muito bem, porque o diagnóstico precoce realmente foi muito útil para mim, realmente é importante, mas também porque minha mãe não desistiu de mim, porque eu só apresentei melhoras visíveis quando tinha seis anos de idade, minha mãe precisou ter esperança até lá. Eu também estou assim por causa do amor, do acolhimento da minha irmã e do meu pai enquanto ainda deu; dos meus demais familiares, como meu avô Valter, que faleceu também; dos meus amigos, dos meus professores, que também me acolheram muito bem. Eu felizmente fui muito bem-afortunado e tive estudos muito bons, mesmo que eu tivesse revesado entre a escola particular e a escola pública, dependendo do bolso da minha mãe. Apesar de eu ter terminado meus anos de ensino regular no ensino particular muito bom, lá em Brasília – lá eles dão descontos muito bons, principalmente se você tem notas boas, o que foi

importante para nós. E é isso mesmo, eu consegui passar na UNB não pela concorrência, eu usei a nota do ENEM para entrar na licenciatura e do PAS para entrar no segundo semestre no bacharelado, já que o horário era diurno e era melhor para mim, porque o horário da licenciatura lá era noturno. Agora eu estou estudando aqui na UFRGS aqui em Porto Alegre, só hoje que eu estou infelizmente faltando aula para poder comparecer a este evento, mas eu espero que a professora já tenha visto a mensagem que eu mandei para ela. Senão, que pena, vai descobrir de última hora. Eu agradeço a todos vocês por estarem aqui, eu posso garantir que, sim, lutar pelo diagnóstico precoce, lutar pela inclusão do filho, lutar para que ele melhore diante de seus sintomas, realmente vale a pena, porque a minha vida agora está muito boa e quaisquer problemas que eu estou tendo são mais resultado de más decisões pessoais que eu tomei. Eu agradeço a presença de todos vereadores aqui por estarem ajudando na causa, às pessoas que estão aqui há mais tempo, à tua presença também, minha cara, em nome da Prefeitura; à tua fala, Dra. Fabiana, tua apresentação; a todos vocês que estão aqui, agradeço a tua fala, meu caro, e eu agradeço a ti, Dr. Alceu. E nesse contexto, acho importante falar que o teu trabalho é muito bom, assim como o dos demais funcionários e médicos especialistas do Certa, eu acho que isso é importante frisar porque o trabalho de vocês é muito bom, mas vocês são muito sobrecarregados. Porque é o seguinte: a demanda, como minha mãe mesmo falou, a demanda diante do autismo aumentou muito. Se há alguns anos era um autista para cada 150 pessoas, agora é um para cada 36, o SUS não dá conta atualmente. O plano realmente é que uma parte dos autistas possa ser atendida pelo SUS, outra pelo plano de saúde, outra por consultas particulares, como foi o meu caso, na época, porque há 20 anos realmente o SUS não cobria nada disso e o plano de saúde não cobria nada disso, então minha mãe teve que pagar por tudo e ainda trabalhar seis horas, porque o meu psicólogo não deixava ela trabalhar mais. Tem que fazer bom uso do que temos atualmente, porque a situação melhorou, felizmente, apesar de ainda existirem muitos problemas. O que eu estou falando é o seguinte: não podemos ser cruéis com quem realmente não merece crueldade. Se há problemas no atendimento

do autismo atualmente, não é por culpa do pessoal do Certa, que está fazendo um trabalho excelente apesar da alta demanda. Para concluir, temos que aproveitar as conquistas que foram feitas, aceitar que existem coisas que estão fora do nosso controle, buscar sempre lutar pela causa. E a mensagem que eu deixo simplesmente é: pais, familiares de autistas, amigos de autistas, não desistam dos autistas, vale a pena, no final das contas, e aceitem que existem coisas que estão fora do controle de vocês, que também dependem dos autistas em si e até mesmo de pessoas de outra alçada, tipo mais burocrática ou algo assim. Muito obrigado, espero que a fala tenha sido útil.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Vou passar para a Ver.<sup>a</sup> Tanise Sabino, para ela fazer as conclusões finais. Antes a Ver.<sup>a</sup> Mônica – um a dois minutos, por causa da televisão.

**VEREADORA MÔNICA LEAL (PP):** Bom dia, na verdade eu fiquei tão encantada com as falas de todos vocês, Dra. Fabiana, Dr. Alceu, André, fala inclusiva, e o Bernardo. O Bernardo me encantou, quero te dizer que, como jornalista, Bernardo, depois que terminares tua faculdade, te aconselho a entrar no jornalismo, tu vais ser um excelente repórter, porque tu tens um poder de síntese e de exteriorizar para as pessoas o que está acontecendo fantástico. Eu fiquei muito encantada com a tua manifestação, parabéns, e parabéns para essa mãe, porque eu acredito que, para chegar nesse ponto desse filho maravilhoso, o teu trabalho foi algo digno de a gente registrar e mostrar como exemplo para tantas outras mulheres, porque a gente sabe que a caminhada é difícil, por vezes até com vontade de desistir. O que eu queria falar, e quero também registrar à minha colega Tanise, que eu ouvi aqui e anotei para mim, mas eu penso que ela é a pessoa indicada, a Tanise tem esse conhecimento, ela é psicóloga e trabalha muito nessa área – eu sou filha de psicólogo, mas acompanho o trabalho da Tanise –, é essa questão da ideia do projeto de lei que deram aqui, que eu achei muito interessante, das mães, desse acompanhamento, dessa ajuda psicológica para as mães. A gente sabe que elas precisam e é necessário. Então a Tanise,

acredito que ela possa fazer isso, e me chamou muito atenção quando tu usaste uma frase que é o que eu penso, eu sou uma pessoa com pressa, eu tenho muita pressa na minha vida de resolver problemas, eu acredito que eu não conseguiria mais, já fui uma vez secretária de Estado, eu não conseguiria, talvez, ser mais, porque o tempo do governo nunca é o meu, eu tenho muita pressa, e aí eu me torno uma pessoa inconveniente, porque eu quero que tudo seja resolvido. Quando tu usaste essa palavra: “Chega de leis”, eu anotei aqui, “queremos que as coisas aconteçam”. É verdade, porque leis nós temos, nós precisamos é que realmente as coisas aconteçam.

Então, dentro das minhas possibilidades legais e também de poder político e como cidadã, eu quero me colocar ao inteiro dispor de vocês para tudo que eu puder ajudar e na luta pelo diagnóstico precoce e, principalmente, pela inclusão dos filhos. Contem comigo, obrigada.

**PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Obrigada, vereadora. A Ver.<sup>a</sup> Psicóloga Tanise Sabino está com a palavra para fazer os encaminhamentos finais.

**VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB):** Bom, eu quero dizer, então, muito obrigada a cada um que esteve aqui, os nossos convidados, os nossos palestrantes, o público que está aqui também para essa reunião muito produtiva do transtorno do espectro autista. Hoje é o dia 2 de abril, o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, é um mês inteiro dedicado para atividades como essas de debate, de conversas, de diálogo, de escuta e de promover empatia. De tudo que foi dito, também anotei várias coisas, mas a Mônica já fez um bom resumo aqui, como uma boa jornalista! A fala da Lu de “chega de leis” e sim projetos e ações concretas, concordo contigo, estou à tua disposição se tu quiseres marcar uma reunião sobre esse projeto para saúde mental das mães, que eu acho que esse é o foco também, as mães precisam, as famílias também precisam muito. Eu quero dizer que, quando a gente fala sobre autismo, sobre inclusão, enfim, sobre deficiência, nós temos que caminhar juntos, de mãos

dadas. Então é o Executivo, é o Legislativo e são as famílias, todos nós unidos, de mãos dadas. É difícil? Sim, é difícil, ninguém disse que seria fácil. É burocrático? É. Tem entraves? Tem. Tem vezes que, enfim, desperta os mais variados sentimentos, mas a gente precisa seguir em frente, e não é fácil, eu imagino, para as mães que estão, às vezes, há muito tempo atrás de um laudo, atrás de um tratamento, desperta uma série de sentimentos de raiva, entre outros, mas nós estamos aqui para fazer o melhor. Eu quero, mais uma vez, dizer que eu acredito no Certa, eu confio no Certa e o Certa só nos mostra que nós precisamos de outros Certas; nós precisamos de outros locais iguais ao Certa.

Então vamos continuar nosso trabalho e a nossa luta, contem conosco, contem com os vereadores, eu não sou a única vereadora que trabalha com autismo, tem tantos aqui: a Lourdes, a Cláudia, o Oliboni, o Janta, também o Ver. Janta é incansável, nós precisamos mencionar e lembrar do nome do Ver. Janta que é um guerreiro também nessa luta. Muito obrigada.

**VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB):** Eu agradeço a todos e, para fazer o encaminhamento, vou conhecer o projeto Pet Terapia.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h57min.)